

Análise Psicológica (2009), 3 (XXVII): 331-347

# A natureza e especificidade do espaço mental através do Rorschach. Um espaço potencial? – Análise de um protocolo de uma paciente limite (\*)

MARTA MIRIAM ONETO (\*\*)

MARIA EMÍLIA MARQUES (\*\*\*)

CATARINA BRAY PINHEIRO (\*\*\*\*)

## INTRODUÇÃO

Propomo-nos estudar um conceito não explorado no plano da técnica Rorschach – o espaço mental/potencial –, através de um conjunto de procedimentos, por nós criados, que permitem dotar o instrumento Rorschach de capacidades para aceder a este conceito.

## O ESPAÇO MENTAL/POTENCIAL

Winnicott (1971/1975) define espaço potencial como uma zona intermediária entre a realidade psíquica, pessoal e interna, e a realidade externa ou compartilhada; um espaço entre a realidade e a

fantasia; uma terceira forma de viver. Relaciona-se tanto com o interno como com o externo, mas não pertence a nenhum destes dois domínios, é diferente deles. É o espaço do simbolismo, da imaginação, da criatividade.

Grotstein (1978) define espaço mental (ou espaço psíquico) como o espaço que se situa entre a representação de si e a representação do objecto, espaço este que abrange o espaço em que ambas existem. Inclui todo o conteúdo psíquico, no qual se inserem os objectos internos, as representações de si e os acontecimentos psíquicos em geral. O autor considera que a capacidade para experienciar espaço é um mecanismo primário do Eu. Esta capacidade decorre da estimulação dos receptores sensitivos da pele do recém-nascido, como uma fronteira entre Eu e não-Eu e como um continente do Eu. Na sua conceptualização sobre o desenvolvimento do sentido de espaço, Grotstein compara o estado fetal, que é um estado de equilíbrio, de harmonia do feto com o seu ambiente, a uma total simetria em termos matemáticos. O autor postula a existência de uma série de pontos na superfície fetal, dos quais emergirá um só ponto, como

---

(\*) Artigo elaborado a partir da dissertação apresentada e defendida no ISPA, em 2009, no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, com o mesmo título.

(\*\*) Psicóloga Clínica.

(\*\*\*) Psicóloga Clínica, Professora Associada do Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

(\*\*\*\*) Psicóloga Clínica, Hospital Fernando Fonseca.

sendo a soma de todos eles, devido à total simetria. Após o nascimento, o recém-nascido é exposto à experiência, começando a desenvolver-se um fenómeno de assimetria, resultando daqui a extensão do ponto a uma linha (série de pontos). O desenvolvimento posterior do bebé, permite, no momento em que começa a haver alguma diferenciação, que a linha se expanda a um plano e finalmente, a terceira dimensão dará profundidade ao plano.

Ogden (1985, 1992) propõe que o espaço potencial pode ser entendido como um estado mental baseado numa série de relações dialécticas entre união e separação, interno e externo, fantasia e realidade, Eu e não-Eu, símbolo e simbolizado, etc., em que cada pólo da dialéctica psicológica cria, dá forma e nega o Outro, existindo apenas como uma possibilidade hipotética sem o Outro. O espaço potencial é, assim, definido por uma série de paradoxos, simultaneamente de internalidade e de externalidade, que têm que ser mantidos e não resolvidos.

As conceptualizações de Ogden sobre o desenvolvimento do espaço mental convergem no mesmo sentido das de Winnicott. De uma forma sucinta, segundo os autores, o que deve ocorrer em termos desenvolvimentais, para que o espaço mental adquira espessura ou profundidade, i.e., que se constitua como um espaço tridimensional (potencial), é que a unidade fusional inicial composta pela mãe e pela criança – em que há uma adaptação quase total à criança, que não necessita, por isso, de criar símbolos – se transforme progressivamente, mediante um ambiente facilitador e suficientemente bom, numa tríade subjectiva composta por mãe e criança, como objectos simbólicos. De uma forma breve, podemos dizer que este ambiente facilitador e suficientemente bom implica a criação de um espaço (espaço potencial) entre mãe e bebé, no qual é permitido à criança o uso de um objecto transitivo.

A constituição do Eu como objecto pressupõe o Eu como sujeito observador, que o reconhece, com um espaço de pensamento entre os dois, i.e., o acesso à tridimensionalidade ou a capacidade para manter um processo psicológico dialéctico, logo, a capacidade para criar significados pessoais representados em símbolos, que são mediados pela subjectividade.

A partir dos trabalhos de Winnicott (1971/1975), Grotstein (1978) e Ogden (1985) propomo-nos identificar três tipos de espaço mental, cada um com as suas características próprias, que dependem do nível de desenvolvimento atingido: espaço mental unidimensional ou universo do ponto; espaço mental bidimensional ou universo da linha e espaço mental tridimensional, universo do plano ou espaço potencial.

O espaço mental unidimensional ou universo do ponto constitui-se como a forma mais rudimentar que o espaço mental pode apresentar. Associa-se aos estados simbióticos, onde predomina a ansiedade persecutória da posição esquizo-paranóide.

Nesta forma arcaica de espaço mental, o que se verifica é uma ausência de espaço entre realidade-fantasia, interno-externo, Eu-Outro, ou, na linguagem de Ogden, uma ausência de uma dialéctica psicológica. Há, portanto, uma polarização da experiência espacial, com predomínio do pólo da fantasia, onde as coisas são o que são. Não há capacidade para distinguir símbolo e simbolizado (não há espaço entre os dois). Aqui, a fantasia é considerada como um facto em si mesmo, que não pode ser diferenciado da realidade externa. O que encontramos nos indivíduos que se situam nesta dimensão, onde a noção de espaço está perdida, é uma tela de elementos  $\beta$ , i.e., elementos saturados de energia, que não podem aceder à cadeia transformativa, não ganhando qualquer significação. O tipo de pensamento possível a este nível é o pensamento concreto, o pensamento em processo primário, a assimbolização.

Nos funcionamentos mais empobrecidos, pode verificar-se um estrangulamento de qualquer conteúdo mental, não havendo sequer fantasia, estando-se neste caso perante o deserto psicótico.

O espaço mental bidimensional ou universo da linha é o tipo de espaço que podemos associar aos estados fusionais. Em termos evolutivos, é aquele que se situa entre o espaço unidimensional e o espaço tridimensional/potencial. É, ainda, um espaço que não adquiriu profundidade, apresentando-se plano, liso, sem pers-

pectiva, sem espessura. Podemos falar, a este nível, numa ausência de vitalidade psíquica, um espaço onde há lacunas ou buracos psíquicos, em que os conteúdos da realidade interna e da realidade externa são dificilmente ligados. Não existe uma zona intermediária entre estas duas realidades. O que se verifica é um predomínio de um dos pólos da dialéctica psicológica de realidade-fantasia, internalidade-externalidade, Eu-não-Eu. Podemos ter, também, a presença dos dois pólos clivados e/ou uma confusão entre os dois.

Neste espaço, pode verificar-se a emergência do pulsional e a emergência do pensamento em processo primário. A capacidade de simbolização é ainda precária, verificando-se uma lentificação da função  $\alpha$ , que conduz a um aumento da identificação projectiva. O sujeito, em vez de pensar, coloca os elementos assimbólicos no outro, via identificação projectiva.

O espaço mental tridimensional, universo do plano ou espaço potencial é a forma mais evoluída que o espaço mental pode apresentar. Neste, a possibilidade de usar um objecto transitivo dá lugar ao acesso à representação do objecto. O Eu e o objecto constituem-se aqui como entidades claramente separadas. Estamos no domínio da separação-indivuação e da ansiedade depressiva da posição depressiva. O espaço mental tridimensional apresenta-se como uma zona intermediária onde os conteúdos internos e externos, de realidade e de fantasia se podem ligar e produzir conteúdos novos. Há uma plasticidade mental do sujeito, uma maleabilidade em colocar-se, quer num, quer noutro dos dois pólos da dialéctica psicológica, que se encontram em permanente ligação. O espaço mental adquiriu profundidade, sendo possível aceder à representação, à subjectividade e à intersubjectividade. O acesso à simbolização possibilita a capacidade de ligar, transformar, criar e imaginar, promotora do crescimento e da expansão mental.

São as perturbações no processo de desenvolvimento do espaço mental que conduzem a perturbações no espaço potencial e que dão lugar a que se constituam modalidades de espaço mental mais arcaicas, consoante o grau da falha, que podem ser o espaço mental unidimensional ou o espaço mental bidimensional.

Do ponto de vista estrutural, a organização limite é uma organização da personalidade que se situa entre a estrutura neurótica e a estrutura psicótica.

Segundo Bergeret (1974/2000), a génese dos estados limites é um traumatismo psíquico precoce no segundo estágio anal. Este traumatismo ocorre numa fase em que o Ego está ainda mal organizado e imaturo quanto ao seu equipamento, às suas adaptações e às suas defesas, sendo sentido pela criança como um risco de perda de objecto. A criança entra abruptamente, à custa deste traumatismo afectivo, numa situação edipiana para a qual ainda não está preparada. Aquilo que ocorre, então, nos estados limite é um bloqueio evolutivo da maturidade afectiva do Ego, no momento em que este ainda não está diferenciado sexualmente. A criança entra no segundo estágio anal numa pseudo-latência, que se prolonga, a maior parte das vezes, por toda a sua vida adulta, não lhe sendo possível aceder a uma relação triangular e genital com os seus objectos. A deformação do Ego conduz a uma adaptação anaclítica. O sujeito depende do objecto externo de apoio, que desempenha o duplo papel de Super-ego auxiliar e de Ego-auxiliar. Nestes funcionamentos, é o Ideal do Ego que desempenha a principal função organizadora dos processos mentais.

Da fraqueza do Super-ego e da organização da personalidade em torno do Ideal do Ego arcaico resulta a inadequação dos sujeitos limite, a intolerância à contradição e à incerteza, a dificuldade de elaboração, de reconhecimento, de manipulação e de integração dos fantasmas, a facilidade de passagem ao acto.

Green (1975/1990, 1983) refere-se à precariedade maternal na etiologia da patologia limite: a mãe falha no seu papel de Eu-auxiliar, de continente e de espelho para a criança. O autor introduz o conceito de mãe morta, que caracteriza como um objecto inanimado, deprimido, insensível, distante.

Green (1975/1990) caracteriza o Eu na organização limite como um Eu em arquipélago, i.e., um Eu constituído por núcleos isolados (“ilhas”) relativamente estruturados, mas sem comunicação entre alguns deles. Trata-se de um

Eu sem coesão nem coerência, que se traduz, ao nível do funcionamento mental, na existência de pensamentos, de afectos e de fantasmas contraditórios e na sobreposição de elementos dependentes do princípio da realidade e do princípio do prazer, sem prevalência de um sobre o outro.

O mecanismo de defesa central da organização limite é a clivagem (clivagem do objecto e clivagem do Eu). Outros mecanismos de defesa usados são: a identificação projectiva, a idealização, a denegação, a onnipotência, a desvalorização. São também usados mecanismos de defesa neuróticos, já que a organização limite se situa numa zona intermediária entre a neurose e a psicose, mas estes não são suficientes, tendo o sujeito que recorrer por vezes aos mecanismos de defesa arcaicos, de nível psicótico. (Bergeret, 1974/2000; Green, 1975/1990; Kernberg, 1975/1979; Matos, 2002).

Green (1975/1990) refere-se a outro mecanismo (a confusão), que considera complementar da clivagem. Para o autor, a presença da clivagem implica necessariamente a confusão, já que aquilo que é separado pelo primeiro mecanismo é passível de ser reunido posteriormente. Assim, os diferentes tipos de material do aparelho psíquico (pensamentos, representações, afectos e mesmo acções) são confundidos nos casos limites, por causa da identificação projectiva.

Green (op. cit.) introduz um outro conceito importante (a psicose privada ou loucura privada), também designada por depressão primária, que é considerada, a par da clivagem/confusão um mecanismo psíquico de base nesta organização. É definido como o núcleo psicótico fundamental sem psicose aparente, caracterizado pelo branco do pensamento, pela inibição das funções de representação e pela bitriangulação

O autor explica a bitriangulação como uma clivagem que o sujeito faz entre os pais, em que um deles é o bom, idealizado, mas inacessível, e o outro é o mau, excessivamente presente, perseguidor, invasor. Em qualquer dos casos – inacessibilidade ou intrusão – o objecto não pode ser pensado, porque a falta não pode ser constituída. Só a falta do objecto pode estimular a imaginação e o pensamento, a criatividade e a vitalidade psíquica. Nestes funcionamentos, a não constituição do objecto no espaço psíquico dá lugar ao vazio, ao pensamento em branco.

Assim, esta psicose privada, ou depressão primária, é como “uma paralisia do pensamento, que se traduz por uma hipocondria negativa do corpo e mais particularmente da cabeça: impressão de cabeça vazia, de buraco na actividade mental, impossibilidade de se concentrar, de memorizar, etc.” (Green, 1975/1990, p. 79). Há uma incapacidade de pensar ou representar e de estabelecer as relações internas da simbolização.

A luta contra estas impressões pode levar a uma actividade de pensamento artificial: ruminações, pensamento compulsivo de natureza pseudo-obsessiva, divagações sub-delirantes, etc. Kernberg (1975/1979) considera, também, na organização limite o retorno do pensamento em processo primário.

Esta psicose privada faz com que os pacientes limite apresentem uma dupla orientação, delirante e real, manifestando-se como um fenómeno relativamente discreto, descontínuo, parcelar e oculto. O que acontece é uma clivagem do Ego – uma parte adere à realidade, outra acredita na fantasia (Matos, 2002).

Dias (2004) foca a questão da formação e da organização do pensamento, e do não pensamento, da construção/desconstrução da cadeia simbólica e da relação entre percepção e pensamento na patologia limite. O autor explica que pensar é traduzir os elementos  $\beta$  (elementos da percepção), através de uma função pensante (função  $\alpha$ ), em elementos  $\alpha$ . A capacidade da mente tolerar um maior número de elementos  $\beta$ , relaciona-se directamente com a capacidade que ela tem de utilizar a função  $\alpha$  para produzir um maior número de elementos  $\alpha$ . O que acontece na patologia limite é que a mente não tem capacidade de transformação pela função  $\alpha$  da sobrecarga de elementos  $\beta$ . Os indivíduos limite produzem pensamentos cumulativos, i.e., embora sejam capazes de organizar pensamentos, não são capazes de os articular entre si, porque não suportam o bombardeamento dos elementos  $\beta$  e só pensam a partir do isolamento da percepção, criando lacunas no pensamento. Vivem em rudimentos de  $\alpha$  carregados com energia  $\beta$  não transformada, porque lhes é difícil introduzir símbolos, que dêem significado aos elementos perceptivos.

Os elementos  $\beta$  que não podem ser colocados na cadeia transformativa, são colocados no outro

via identificação projectiva. Os sujeitos limite estão, assim, constantemente a precisar do outro (objecto anaclítico, segunda pele ou Ego auxiliar), que os organiza ou pseudo-organiza.

Se o objecto não cumpre a função de trabalhar um  $\alpha$  carregado de energia  $\beta$  não transformada, a raiva narcísica é muito acentuada, os aspectos mais destrutivos invadem o sujeito e a frustração da não-resposta do objecto é intolerável, levando ao aparecimento de surtos psicóticos. Se, pelo contrário, o sujeito mantiver relacionamentos que lhe dão uma pseudo-organização, pela manutenção dos objectos (forma pseudo-neurótica), não se encontra a ruptura psicótica, mas sim um empobrecimento dos processos psíquicos, empobrecimento dos processos de simbolização, lentificação da função  $\alpha$ , dificuldade na organização dos espaços, empobrecimento do pensamento, empobrecimento do imaginário.

#### OBJECTIVO

Tendo em conta as características da organização de personalidade limite, parece-nos pertinente estudar o conceito de espaço mental/potencial nesta organização.

Da categorização que fizemos do espaço mental, associamos a patologia limite a um espaço mental bidimensional ou universo da linha.

As dificuldades ao nível da separação-indivuação que se verificam na patologia limite não promovem a criação de um espaço intermediário entre mãe e bebé, onde poderiam surgir os fenómenos transitivos, dos quais se destaca o uso de um objecto transitivo, que com o decurso do desenvolvimento se alargariam a todo o território da experiência do sujeito, possibilitando a existência de um espaço potencial.

A ausência do uso de um objecto transitivo, objecto este que representa a união e a separação, o interno e o externo, significa a impossibilidade de poder representar o objecto, já que o objecto transitivo se constitui como o primeiro objecto simbólico.

A precariedade na representação do objecto condiciona o acesso à tridimensionalidade. O espaço mental que se pode organizar é bidimensional.

Apesar de na nossa concepção associarmos a patologia limite a um espaço mental bidimensional, há que ter em consideração que não existem modos de funcionamento puros, i.e., devemos enquadrar o conceito de espaço mental num espectro alargado, que se estende desde a estagnação mental até à presença de um espaço potencial – espaço do simbólico, da subjectividade e da intersubjectividade, da imaginação e da criatividade.

#### MÉTODO

Iremos fazer a análise de um protocolo de Rorschach com base nos referenciais teóricos da Escola Francesa (Chabert, 1997/2003, 1998/2003). Mas, uma vez que este é um trabalho sobre o próprio método – o Rorschach –, a análise que faremos do protocolo prolonga os parâmetros que são habitualmente considerados. A proposta que fazemos é, assim, a possibilidade de ler no Rorschach o conceito de espaço mental a partir de uma grelha que criámos, que contém um conjunto de procedimentos de análise que permitem ler na técnica a expressão deste conceito. A grelha de análise inclui procedimentos que permitem evidenciar no Rorschach os elementos característicos dos três tipos de espaço mental que se pode constituir num sujeito – espaço mental unidimensional (universo do ponto), espaço mental bidimensional (universo da linha) e espaço mental tridimensional ou potencial (universo do plano).

Os procedimentos que usamos para ler o conceito de espaço mental incluem os elementos de cotação das respostas – os modos de apreensão, os determinantes e os conteúdos –, os elementos do psicograma, o processo-resposta Rorschach, os movimentos regredientes e progredientes intra e inter cartões, a relação entre as respostas espontâneas e o inquérito e, também, dimensões mais subjectivas, como a atitude do sujeito face à prova, os comportamentos não verbais e as modalidades de relação com o psicólogo. Embora sejam estes os elementos que são usados habitualmente numa análise de um protocolo de Rorschach, aqui eles são usados numa perspectiva diferente, o que demonstra a plasticidade deste método.



## PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Espaço Mental Unidimensional – Universo do Ponto	
Teoria	Técnica
Características associadas ao espaço mental	Procedimentos
Precariedade da relação com o materno	<p>Cartões cuja simbólica apela de uma forma muito particular à relação com o materno:</p> <p>Cartão I – recusa – incapacidade de aceder à representação interna do objecto.</p> <p>Cartão II – contração nos D vermelhos – relação destrutiva com a imago materna primitiva/tipo de relação simbiótica.</p> <p>Contração no D branco – imagem de vazio – ausência de representação do objecto interno.</p>
Impossibilidade de representar o objecto	<p>As relações simbióticas podem surgir em imagens de figuras humanas (H) ou animais (A) vistas numa relação destrutiva – temática destrutiva, ou a incapacidade de aceder à representação da relação pode ser vista numa imagem de duas personagens imobilizadas, estáticas. As personagens podem estar fundidas, coladas, sem qualquer distinção entre si, como se fossem uma só.</p>
Simbiose	<p>Cartão VII – as relações simbióticas podem manifestar-se neste cartão por um apego da base (3º terço), à qual as personagens vistas no 1º e 2º terços estão coladas, fundidas e da qual não se conseguem descolar. Temática destrutiva em que uma das personagens destrói a outra. Pode, ainda, aparecer neste cartão uma temática oral.</p> <p>Cartões IX- num contexto de relação simbiótica podem surgir imagens de destruição, de desvitalização, de morte.</p>
Indistinação Eu- outro, interno- externo, realidade – fantasia; colagem destas duas realidades, são uma só	<p>Respostas Gbl ou D bl, em que o sujeito não consegue destacar a figura do fundo, interpretando também o branco.</p> <p>Respostas EF CF CF' (respostas que não são determinadas fundamentalmente pela forma).</p>
Pensamento em processo primário – emergência de afectos brutos e do pulsional	<p>Respostas C, C' e E – nas quais não há um determinante formal, um envelope que contenha.</p> <p>Repostas kob.</p> <p>Imagens cruas, sem qualquer simbolismo – expressas pelos conteúdos sg, anat, sx.</p> <p>Temáticas de morte, de destruição, de deterioração.</p>
Ausência de um espaço mental em que os conteúdos psíquicos possam ser pensados, mentalizados, elaborados	<p>Tempo de latência muito baixo – o sujeito nada elabora, não há nada para ser pensado; o sujeito “despeja” uma resposta. Há uma expulsão de algo que não pode ser transformado e, portanto, tem que ser posto para fora.</p>
Pensamento concreto	<p>O sujeito limita-se a dizer o que está no cartão – G impreciso – “mancha de tinta”, “é simétrico” – não conseguindo transformar estes elementos perceptivos numa imagem simbólica.</p> <p>Pouca sensibilidade ao conteúdo latente dos cartões – as imagens dadas não têm qualquer ressonância com o simbolismo para o qual os cartões apelam.</p>
Pensamento assimbólico	<p>Tempo de latência e tempo por cartão baixos – o sujeito não necessita de tempo para poder explorar a mancha e poder fazer ligações, transformações, criações, porque não há nada para ser criado, imaginado.</p> <p>Recusas e choques – o sujeito não é capaz de elaborar a partir dos cartões, pela ausência de uma função <math>\alpha</math> que dê significado àquilo que é desorganizado, sem significação.</p>
Comprometimento da prova de realidade	<p>Dificuldade de leitura do conteúdo manifesto dos cartões – as imagens dadas não têm em conta o seu aspecto estrutural, no que diz respeito ao seu carácter aberto ou fechado, ou em relação às mudanças de cor/apreensão perturbada das manchas.</p>

cont.

Espaço Mental Unidimensional – Universo do Ponto

Teoria	Técnica
Características associadas ao espaço mental	Procedimentos
Predomínio da fantasia	<p>Respostas Ban, respostas D e respostas A muito abaixo dos valores normativos. Quando há respostas A podem tratar-se de animais mortos, deteriorados, com falhas, incompletos.</p> <p>Modos de apreensão mais utilizados:</p> <p>G sincréticos: G confabulados (G D; Dd G; Dbl G); G contaminados (D/G; Dd/G; Dbl/G)/tendência à contaminação – objectos absurdos, bizarros, inexistentes; G informulados D (G); Dd (G).</p> <p>Numerosas respostas Dd – evidenciam uma desinserção em relação ao real, que se caracteriza por uma abordagem arbitrária ou delirante do mundo externo.</p> <p>Como determinantes o sujeito utiliza maioritariamente respostas C, C' e E puros, que expressam a emergência de movimentos pulsionais ou fantasmas, que marca a invasão pelos processos primários.</p> <p>Número de respostas formais manifestamente insuficiente.</p> <p>Predomínio de respostas de má qualidade formal – F-.</p> <p>Cinestésias interpretativas (K) e pequenas cinestésias – kob e kp – que traduzem movimentos projectivos massivos, e indicam a desinserção da realidade.</p> <p>Conteúdos crus</p> <p>Conteúdos (H) – personagens míticas ou irreais – “diabos”, “fadas”, “bruxas”, “duendes”, “fantasmas”, “deuses”, etc. e conteúdos (A).</p>
Deserto psicótico – não há sequer fantasia	<p>Perseveração ao longo de vários cartões</p> <p>Ausência de Ban</p> <p>Presença de muitas recusas – que são bloqueios do processo associativo – o sujeito não consegue transformar a experiência emocional numa imagem, o que dá conta do vazio/deserto interior.</p> <p>Tempo de latência elevado/excessiva manipulação dos cartões – pode reflectir o vazio do espaço mental.</p>

Espaço Mental Bidimensional – Universo da Linha

Teoria	Técnica
Características associadas ao espaço mental	Procedimentos
Relação de objecto primária negativa, traumatizante	<p>Choque ou equivalente de choque no cartão I, numa resposta cujo determinante principal ou associado é clob.</p> <p>Imagens ou temas de ameaça, de perigo, de medo.</p>
Inconsistência e incoerência da representação do objecto	<p>Comentários que traduzem esta concepção de imago materna pré-genital concebida pelo sujeito como inquietante, ameaçadora, ou mesmo destrutiva, persecutória.</p>
Objecto interno concebido fundamentalmente como ameaçador – objecto interno parcial	<p>Imagens que não contemplam a totalidade da mancha – respostas dadas em D ou em Dd, podendo estar ou não associadas a formas imprecisas F+- ou a más formas F-.</p> <p>Respostas em D após respostas em G, que não traduzem um movimento de procura, de detalhar, aprofundar, pormenorizar, mas sim um desvanecer da imagem dada inicialmente.</p> <p>Relações de ausência – respostas com integração do branco (G bl ou D bl).</p> <p>Relações de intrusão- respostas F+- e respostas C e C', em que há uma invasão do externo pelo interno e do interno pelo externo, pela ausência de limites bem definidos.</p> <p>Temas de angústia, insegurança, vazio.</p> <p>Conteúdos de frio, gelo, neve, em interpretações das partes brancas da mancha.</p> <p>Conteúdos Hd e Ad.</p>

cont.

Teoria	Técnica
Características associadas ao espaço mental	Procedimentos
Fixação a um estado fusional	A expressão de relações fusionais, com indiferenciação Eu – outro, em espelho, podem manifestar-se nos cartões bilaterais, nos quais o sujeito pode dar duas personagens agarradas, coladas; duplos. Infantilização dos conteúdos – respostas esbatimento de textura (pele de animal, peluche). Cartão IX – imagens regressivas – temas alimentares ou de água. Respostas espelho, com uma centração no pormenor intramacular.
Permanência do objecto transitivo como objecto de análise	Presença de temas de anáclise. Respostas pele – máscaras, carapaças, vestuário. Respostas prótese – nomeação de elementos que não fazendo parte de um determinado objecto lhe são atribuídos. Excesso de reacção do sujeito a pequenos aspectos sensoriais dos cartões (matizes e cores).
Extrema dependência do sujeito em relação ao outro, ao exterior	Pedidos de ajuda feitos ao psicólogo, que funcionaria como 2ª pele. Comentários centrados na vivência subjectiva (referências pessoais), que remetem para experiências familiares, numa procura de tranquilização narcísica face ao desconhecido. Precauções verbais/hesitações. Comentários que expressam resistência à prova (a fornecer uma imagem).
Predomínio do pólo de realidade	F+ % e F+ % a elevados; muitas respostas Ban – respostas centradas no descritivo e no factual, sublinhando a fragilidade de mentalização, a pobreza fantasmática, o predomínio do pensamento operatório, havendo uma incapacidade de estabelecer ligações e de introduzir símbolos. Este tipo de respostas traduz o sobreinvestimento da realidade, colmata as falhas de elaboração, preenchendo um vazio de um espaço psíquico no qual as imagens induzidas pelos cartões não encontram eco em termos fantasmáticos ou de vivência emocional, como se não tivessem espessura.
Predomínio do pólo da fantasia	Respostas Dd – imagens irreais, bizarras. Outras já evidenciadas no espaço unidimensional.
Coexistência da realidade e da fantasia	Envelopes frágeis, desfiados, com buracos. Presença de G vagos – G associados a formas imprecisas. G impressionistas – G associados a determinantes sensoriais. Oscilação entre duas ou mais imagens na mesma localização. Esbatimentos de difusão, que correspondem a engramas pouco definidos (fumo, nuvens,...).
Confusão entre estes pares de opostos e complementares	Resposta H seguida de (H) ou A seguida de (A) – o sujeito acede à realidade, mas logo a seguir dá uma imagem de uma personagem ou animal irreal, que reflecte que não há diferença real/fantasia. Alternância entre imagens mais ancoradas à realidade (F+) e imagens que deformam essa mesma realidade (F-) na mesma localização ou no mesmo cartão. Respostas G e Dd. Conteúdos mais socializados e conteúdos crus.
Ausência de vitalidade psíquica, com poucas capacidades para pensar, representar, imaginar ou criar	G simples podendo estar associados a banalidades – o sujeito faz uma apreensão directa da mancha, sem que haja qualquer esforço pessoal de elaboração ou construção. Estas respostas resultam de uma abordagem superficial do material, não contendo qualquer valor simbólico, revelando uma atitude de passividade do sujeito, que não tem capacidade para fazer uma abordagem criativa das manchas.

cont.



Espaço Mental Bidimensional – Universo da Linha

Teoria	Técnica
Características associadas ao espaço mental	Procedimentos
Precariedade da função simbólica	Respostas D- não deverão traduzir no essencial movimentos de procura, pesquisa, exploração das manchas mas sim respostas isoladas, sem ligação com as restantes imagens fornecidas no cartão.
Rompimento da pele psíquica frágil, sem espessura – espaço mental com buracos psíquicos	Presença de G impressionistas – G com determinantes sensoriais E, C, C', que correspondem a evocações muito projectivas. Há um rompimento do espaço psíquico pela emergência dos afectos e do pulsional provocando o insucesso das tentativas de domínio e de controlo, também visível nas respostas clob.
Pensamento branco	Omissão de D ou Dd que são frequentemente vistos. Invasão figura – fundo – interpretação das partes brancas dos cartões – respostas Dbl.
Ausência de tridimensionalidade/noção de perspectiva	Conteúdos sem profundidade, sem espessura, lisos, por exemplo: pele de animal; animal estendido, espalmado, esmagado; tapete; envelopes sem conteúdo, por exemplo: respostas vestuário; podendo ainda surgir conteúdos desvitalizados, petrificados.

Espaço Mental Tridimensional – Universo do Plano – Espaço Potencial

Teoria	Técnica
Características associadas ao espaço mental	Procedimentos
Boa qualidade do materno	Cartão I – resposta global (G) de boa qualidade formal – F+. Resposta cuja simbólica remete para o materno.
Constituição de um objecto interno total, sólido, fiável, contentor	Cartão IX – podem surgir imagens de vida, de bem estar, podendo tal como no cartão I surgir uma temática com um simbolismo materno.
Acesso à representação de objecto total	Respostas G nos cartões compactos – I, IV, V, VI – que testemunham o estabelecimento de um Eu estável, num meio distinto reconhecido como realidade externa. Estas respostas devem estar associadas a uma boa forma F+ ou K/kan de boa qualidade formal, em que os contornos estão bem delimitados, destacando-se a imagem do fundo que a sistem
Relação de objecto total – domínio da separação – individuação	Cartões bilaterais/relacionais – II, III e VII – relações entre duas figuras humanas (obrigatoriamente no III) ou animais claramente diferenciadas uma da outra e do meio envolvente, numa relação de troca, onde é possível a livre expressão do conflito e dos afectos.
Diferenciação eu-outro, interno-externo, realidade-fantasia	Respostas de boa qualidade formal localizadas em G, D ou Dd – revelam a capacidade de figurar um objecto num envelope perceptivo, que desempenha o papel de membrana que permite a distinção e a diferenciação entre o sujeito e o seu meio envolvente.
Predomínio dos processos secundários ou os movimentos de integração da posição depressiva	Presença de algumas banalidades, respostas de conteúdo animal, respostas de grande detalhe D e respostas F+ dentro da média.
Mobilização da função alfa	Ausência de recusas e choques – a mobilização da função alfa para dar uma resposta Rorschach possibilita a passagem do caótico, da desorganização (mancha de tinta), através dos processos de simbolização, a uma imagem com significado. Utilização de diferentes modos de apreensão – G, D e Dd, devendo a apreensão da mancha ser feita preferencialmente por esta ordem. Há inicialmente uma apreensão global da mancha (nos cartões compactos) e depois a análise do cartão vai sendo cada vez mais detalhada, havendo uma exploração que permite a apreensão do pormenor (em Dd), que evidencia as capacidades de interiorização do sujeito, que possibilita a expressão do imaginário.

cont.

Teoria	Técnica
Características associadas ao espaço mental	Procedimentos
Espaço mental onde é possível a criatividade, a Interiorização, a mentalização	G organizados (ou secundários ou combinados ou elaborados), de boa qualidade formal, que são o resultado de ligações de diversos momentos do processo perceptivo, i.e., há uma articulação ou uma ligação dos diferentes elementos da mancha. Neste tipo de resposta o sujeito não se limita a apreender os dados do estímulo, contribuindo com uma elaboração pessoal na sua percepção do cartão. O sujeito é capaz de utilizar as suas potencialidades criativas para dar imagens originais.
Acesso ao simbólico e ao imaginário	D elaborados – respostas D dadas após uma resposta G dão conta de uma atitude do sujeito de exploração, de procura, de conhecimento e expressam as suas capacidades de criação
Tridimensionalidade	Algumas respostas Dd na presença de respostas G e D sugerem um pensamento original do sujeito. Número suficiente de respostas K. Esbatimentos de perspectiva. Conteúdos- respostas originais – conteúdos culturais, históricos, artísticos, literários.
Espaço mental onde é possível a criatividade, a Interiorização, a mentalização	Poucas banalidades mas devem estar presentes. Respostas que manifestam uma sensibilidade à simbólica dos cartões, ou seja, são esperadas que as imagens dadas tenham uma ressonância com o conteúdo latente dos cartões, i.e., devem surgir imagens com um carácter transparente e simbólico.
Acesso ao simbólico e ao imaginário	Verbalização rica e elaborada – utilização de substantivos, verbos e adjectivos em que as frases sejam bem construídas e completas. Número de respostas do protocolo um pouco superior ao valor normativo.
Tridimensionalidade	Tempos de latência e por cartão nem demasiado curtos nem demasiado longos, o que significa que o sujeito utiliza o tempo adequado para poder elaborar uma resposta não se precipitando numa interpretação nem demorando demasiado tempo, porque nada é capaz de elaborar, transformar.
Espaço onde são possíveis dialécticas psicológicas de internalidade e de externalidade, de realidade e de fantasia	Utilização de vários modos de apreensão, numa lógica de complementaridade.
Flexibilidade e plasticidade mentais	Alternância de determinantes formais e cinestésicos havendo também lugar para os determinantes sensoriais mas devendo predominar aqueles que têm um determinante formal associado. Variedade dos conteúdos utilizados.

## PARTICIPANTE

Protocolo colhido em meio hospitalar. Sujeito com diagnóstico de patologia limite.

Susana (S.) tem 26 anos, está desempregada, é separada e tem um filho de 7 anos com quem não vive há 3.

S. apresenta um discurso difuso, concentrando-se e agarrando-se a uma ou duas temáticas, que passam por uma contração no corpo, através das quais parece evitar a emergência de outras dimensões potencialmente desorganizadoras. Há cerca

de quatro anos que tem constantemente vertigens, dificuldade em respirar, dores nos ossos, sente “o chão a deslizar”. Tudo isto depois de um acidente de automóvel. Refere, ainda, desmaios e que piora quando está num local com muita luz, ou no meio da multidão. Esquece-se das coisas e “baralha tudo”, os números, os nomes. Afirma ser “muito espiritual”. Já foi a vários médicos, que nada concluem sobre o seu estado de saúde.

É difícil precisar o percurso de vida de S., por alguma confusão e generalizações vagas que caracterizam o seu discurso.

## DISCUSSÃO

Depois de realizada a análise do protocolo (ver Anexo), retiramos dessa análise os elementos mais significativos.

No protocolo de Rorschach de S., o que encontramos maioritariamente são procedimentos que reflectem a existência de um espaço mental bidimensional. Não obstante, também estão presentes outros, que se enquadram num tipo de espaço mental unidimensional. Na generalidade do protocolo não há elementos susceptíveis de nos permitirem dizer que se formou nesta paciente um espaço mental tridimensional ou potencial.

Neste protocolo é notória a precariedade da qualidade do materno, característica de um espaço mental bidimensional, que pode ser vista nos cartões cuja simbólica remete para a função materna.

Podemos relacionar esta precariedade da relação maternal precoce com uma perturbação da vinculação, como menciona Matos (2002), ou com a inexistência de uma mãe suficientemente boa, na linguagem de Winnicott (1971/1975), que se traduz numa falha ao nível do *holding*, do *handling* e da apresentação de objectos, ou podemos, ainda, convocar Green (1975/1990), que faz alusão às relações, por um lado, de inacessibilidade, de carência, e, por outro lado, de invasão, intrusão, que não proporcionaram o estabelecimento de uma ligação afectiva a um objecto externo de referência – a mãe – ou houve um rompimento dessa ligação. As relações de carência podem ser vistas no protocolo nas respostas D bl (cartões I e II) e Gbl (cartão X), enquanto que a intrusão pode ser evidenciada nas respostas de forma imprecisa. O empobrecimento da função materna pode ser visto, também, na carência de imagens (apenas 14 respostas) e na carência de profundidade e dinâmica dessas mesmas imagens.

Assim, colocamos como possibilidade o não estabelecimento da boa distância necessária, na infância, entre mãe e criança, que levou a que o objecto não pudesse ser formado sob a forma de uma presença imaginária ou metafórica, o que, como consequência, levou a que o espaço interno se tornasse pouco povoado de conteúdos, imagens e representações.

O objecto não pôde, então, ser representado de uma forma consistente, estável. Verifica-se, pois,

que S. permaneceu ligada a uma relação fusional, não tendo havido uma área intermediária numa fase precoce do seu desenvolvimento, que possibilitasse o uso de um objecto transitivo, que representasse a mãe, pelo que, como já referimos, a ausência de um objecto externo suficientemente bom não possibilitou o uso transitivo de um objecto. Verifica-se, então, uma fragilidade da internalização e da representação do objecto.

No protocolo de S., a instabilidade da representação objectal é evidenciada nalgumas imagens e nos movimentos intra-cartões, em que a representação do objecto é frágil, desvanece-se, por vezes quase desaparece.

No cartão I, S. dá como resposta “um bichinho com asas desfeitas”, numa referência a algo que não é um “animal”, não é um “bicho”, é um “bichinho”, que se desfaz, podendo desaparecer.

No cartão III, assiste-se a um movimento regrediente, em que inicialmente S. dá uma “imagem de duas pessoas”, para depois, num segundo momento, evocar um “ET”, um “crânio”, um “esqueleto”, terminando a sua interpretação da mancha com a imagem de um “fantasma”. As pessoas perdem a forma, os limites, o corpo, a espessura, transformando-se em qualquer coisa que é invisível, irreal.

No cartão VII verifica-se, também, uma indeterminação da imagem – um “porquinho”, um “elefante”, não havendo estabilização da representação; o mesmo se verifica no cartão VIII, na dúvida e indeterminação da designação entre um “leopardo” ou um “leão”.

Há em S. uma incapacidade de aceder ao objecto total, que pode ser vista no cartão V, onde são referidas “patas de cavalo” e no cartão VII, onde S. dá como resposta “cabeça de elefante”, numa referência ao parcial, numa impossibilidade de representar o todo (que apesar de tudo mostra uma procura de traços, pontas, pontes, com o exterior). Isto é, também, visível nas respostas em que S. só interpreta partes da mancha, excluindo outras, nos cartões II, VI, VII e na primeira resposta do cartão IV.

A recusa no cartão IX espelha bem a falta fundamental de S., um materno arcaico que é precário, que é, também, visível na resposta adicional a este cartão, numa referência a conteúdos regressivos – “monte de água” e “bichos marinhos”.

Há um vazio interior em S., pela tenacidade de uma representação evocável do objecto, manifesta nas respostas com integração do branco (nos cartões I, II e X).

A precariedade do materno não permitiu a constituição de uma membrana limitadora entre o Eu e o não-Eu, ou seja, a presença de uma realidade pessoal ou interna separada do meio externo envolvente, que se manifesta nas respostas  $F_{\pm}$  e nas respostas FE.

Assim, embora existam fronteiras entre a realidade interna e a realidade externa, elas estão sempre ameaçadas de dano (“asas desfeitas”, “folha descamada, seca”), devido a uma diferenciação parcial entre o dentro e o fora.

É de salientar, contudo, o facto de haver em S. uma constante procura de fronteiras e da sua estabilização, que pode ser ilustrada através do valor de  $F\%a$ , de 93%, que mostra que na maioria das respostas do protocolo há a participação de um determinante formal, que indica a necessidade de dar um contorno, uma forma, um continente.

Esta invasão do interno pelo externo e do externo pelo interno põe em causa a coesão identitária, que está mal estabelecida em S., como podemos observar no cartão V, cartão da representação de si, em que se verifica a imprecisão do percepto, patente numa resposta  $F_{\pm}$  (“bicho”), que embora seja dada em G, revela uma indiferenciação dos contornos, não havendo uma membrana com limites bem delimitados entre o interno e o externo, pelo movimento de inconstância da representação interna da representação objectal, que leva, depois, à perda de captação do objecto externo, já que se verifica neste cartão uma tendência à contaminação (um bicho com corpo de coelho e asas ou patas de cavalo). Isto parece dar conta de que S. não se constituiu como um Eu inteiro, sólido, total, separado da realidade externa, mas como um Eu constituído por partes ou ilhas – um Eu em arquipélago –, como refere Green (1975/1990), havendo, como nos diz o autor, um espaço vazio entre as ilhas, um mar imenso de nada, expresso no Rorschach pelas respostas com integração do branco, pelas críticas subjectivas, por um tempo de latência elevado e excessiva manipulação dos cartões e também pela recusa no cartão IX.

A precariedade ou o desgaste de um mundo interno empobrecido e pouco povoado de

representações, pela não introjecção de bons objectos internos, leva a que S. tente apoiar-se no outro, no mundo externo, no qual procura um suporte. Este aspecto é visível no protocolo de S., especialmente nos pedidos de ajuda feitos ao psicólogo, que ela procura que desempenhe o papel de Eu auxiliar. S. precisa do outro, estabelecendo com ele uma relação de objecto de tipo anaclítico, explicitada por Bergeret (1974/2000), e que podemos ver no protocolo, por exemplo, no cartão X, em que S. dá a imagem de “dois touros *encostados* de cabeça”.

S. não teve acesso ao uso pleno de um objecto transitivo, este constituiu-se e permaneceu como o seu objecto de apoio, de anáclise. Assim, não houve um evoluir do objecto transitivo para o brincar e para a experiência cultural, ou seja, para um espaço potencial, que se localiza entre o indivíduo e o seu meio envolvente, pois inicialmente não foi criado um espaço potencial físico e mental entre mãe e bebé.

A precariedade de um meio ambiente facilitador e suficientemente bom numa fase precoce do desenvolvimento, não permitiu a construção de um espaço mental tridimensional/potencial.

O espaço mental de S. é um espaço bidimensional, sem perspectiva, sem espessura, liso, que pode ser visto no Rorschach através da presença de conteúdos sem profundidade, lisos (“tapete africano”/“pele”, no cartão VI), conteúdos desvitalizados (“folha desfeita”, no cartão IV) e envelopes sem conteúdo (“fantasma”, no cartão III).

S. possui um espaço mental plano, caracterizado por uma ausência de vitalidade psíquica, com capacidades diminuídas para pensar, representar, imaginar e criar, evidenciado pelo uso ligeiramente superior à norma de respostas globais simples, que traduzem uma abordagem superficial da mancha, sem que haja um movimento de elaboração, ligação e construção dos elementos da percepção. Por outro lado, verifica-se a inexistência de respostas Dd, o que mostra que não há uma procura de um conhecimento mais detalhado, uma atitude de pesquisa ou capacidades de produzir imagens originais.

A dificuldade de S. em distinguir claramente a realidade interna e a realidade externa coloca-a no domínio da assimbolização. Verifica-se, pois, a dificuldade do uso de símbolos por parte de S.,

que é visível na ausência de uma ressonância fantasmática das imagens dadas na prova com o conteúdo latente dos cartões. Ela consegue aceder ao símbolo, vemos isso na resposta adicional do cartão VI, em que S. dá uma “espada”, no D superior, mas esta capacidade é muito diminuída.

Constata-se que há um colapso da dialéctica psicológica ou do espaço potencial, isto é, uma psicopatologia da simbolização, que se caracteriza pela presença dos dois pólos da dialéctica – o pólo da realidade e o pólo da fantasia –, mas sem ligação, e, portanto, sem espaço entre eles, ou seja, não há uma área intermediária em que possa ter lugar o processo criativo, que podemos ver no protocolo pela ausência de respostas cinestésicas, à excepção da resposta banal no cartão III.

O pólo da realidade da dialéctica psicológica parece ser usado como defesa contra o emergir do pólo da fantasia, mas não há um predomínio de um sobre o outro, eles coexistem e confundem-se.

Há uma tentativa de S. se apegar aos elementos da realidade, pelo recurso a referências pessoais, as observações de simetria, numa simples constatação dos elementos perceptivos, o uso de banalidades, o uso predominante de respostas determinadas pela forma.

No entanto, o pólo da fantasia emerge e, por vezes, invade, tentando S. a todo o custo lutar contra ela, mas por vezes, não o conseguindo. Este mundo de fantasia de S. expressa-se no Rorschach nas respostas de má qualidade formal, respostas de conteúdo (H) e Ad, nas tendências à contaminação, nas dificuldades de leitura do conteúdo manifesto dos cartões e nas perseverações, que dão conta de um lado de S. que está desligado da realidade.

Há um recurso predominante ao pensamento concreto, factual, e ao banal. Mas, por vezes, o pólo da fantasia sobrepõe-se, assistindo-se ao movimento de dispersão da posição esquizo-paranóide.

Há uma precariedade da função  $\alpha$ , incapaz de transformação dos elementos  $\beta$ , que invadem S. e que, para se libertar deles e os transformar em pensamento, necessita de recorrer ao outro, que funcionaria como uma segunda pele, como nos diz Dias (2004), que transformaria o que S. não é capaz de transformar.

Assim, a fragilidade da função  $\alpha$  faz emergir o mecanismo da identificação projectiva, que a

substitui, e que pode ser vista no cartão VIII (“eles estão com ar de quem quer trepar alguma coisa...”) e na prova de escolhas – cartão I (“é um coitado, muito infeliz, muito feio, não tem alegria nenhuma, feio, monótono”). Mas, por vezes, já nem o recurso à identificação projectiva é possível, como se verifica na resposta adicional ao cartão IX. O outro já não cumpre a função de transformação dos elementos  $\beta$ , o que pode levar S. a perder-se num mundo de fantasia. Nas palavras de Dias (2004), esta falha do outro abre o sujeito à loucura, falando o autor dos surtos psicóticos do paciente limite.

Podemos dizer que o espaço mental de S. é bidimensional. Contudo, há zonas do seu funcionamento que remetem para elementos mais característicos de um espaço mental unidimensional, zonas de estagnação. Destacamos, aqui, a recusa do cartão IX, que se constitui como um bloqueio do processo associativo, uma incapacidade de transformar a experiência perceptiva numa imagem, que dá conta de um vazio interior. O mesmo acontece com a descarga de elementos  $\beta$ , que não encontram, por vezes, um elemento transformativo, mesmo que patológico. Salientamos, ainda, as dificuldades de leitura do conteúdo manifesto dos cartões, assim como a presença de temáticas de destruição/deterioração (“asas desfeitas”, “folha desfeita”).

## CONCLUSÃO

Neste trabalho procurámos demonstrar a possibilidade de utilizar a prova Rorschach para analisar a qualidade do espaço mental de um sujeito.

Tendo em consideração que quando aplicamos um Rorschach pretendemos obter um conhecimento o mais aprofundado possível do sujeito psicológico, é importante e pertinente que possam ser criados procedimentos novos para analisar outras dimensões do funcionamento mental, às quais ainda não é possível aceder, dadas as possibilidades e potencialidades deste método, as quais tentámos aqui, também, ilustrar.

É importante referir que o nosso objectivo foi trabalhar o próprio método – o Rorschach –, pelo que, a análise do protocolo que fizemos pretende ser apenas ilustrativa de como os procedimentos



que criámos para ler o conceito de espaço mental podem ser aplicados. Isto é, no protocolo que analisámos, e tal como tínhamos colocado inicialmente, o que encontrámos foi a existência de um espaço mental bidimensional, com vários elementos característicos de um espaço mental unidimensional. Não obstante, dado que a patologia limite se situa numa zona intermediária entre a neurose e a psicose, noutros protocolos limite, embora o tipo de espaço mental que se

constitui nestes sujeitos seja o bidimensional, podemos encontrar mais elementos típicos de um espaço mental unidimensional ou até, em funcionamentos mais evoluídos, indicadores de alguma plasticidade mental, característicos de um espaço mental tridimensional/potencial.

Salientamos, ainda, que a grelha de procedimentos que criámos pode, também, ser utilizada em protocolos neuróticos e psicóticos, não se limitando apenas aos protocolos limite.

## ANEXO

### *Análise do protocolo*

A análise que fazemos do protocolo baseia-se nos procedimentos que criámos, que permitem utilizar a prova Rorschach para o estudo do espaço mental de um sujeito.

Aquilo que fazemos é um levantamento dos procedimentos que se destacam no protocolo de S., organizando-os em duas tabelas. A primeira diz respeito ao espaço mental unidimensional e a segunda refere-se ao espaço mental bidimensional, uma vez que os procedimentos que encontramos neste protocolo se enquadram fundamentalmente nestes dois tipos de espaço mental. As tabelas reúnem, na primeira coluna, os procedimentos presentes no protocolo, na segunda coluna, as respostas/cartões onde estes procedimentos se encontram e, na terceira coluna, as características do espaço mental associadas a esses mesmos procedimentos.

Espaço Mental Unidimensional – Universo do Ponto		
<i>Procedimentos</i>	<i>Respostas/Cartões</i>	<i>Características associadas ao Espaço Mental</i>
Cartão II – centração no D branco e nos D vermelhos	C. II – “torre” – Dbl e D central; “bichinho” – D vermelhos	Precariedade da relação com o materno Impossibilidade de representar o objecto Simbiose
Respostas Gbl e D bl em que o sujeito não consegue destacar a figura do fundo, interpretando também o branco	C. I – “radiografia” (D bl) C. II – “torre” (D bl) C. X – “jardim” (Gbl)	Indistinação Eu-outro, interno-externo, realidade-fantasia; colagem destas duas realidades – são uma só
Dificuldade de leitura do conteúdo manifesto dos cartões/apreensão perturbada das manchas	C. II – exclusão na interpretação da mancha dos D negros laterais e dos D vermelhos superiores. Não há sensibilidade ao carácter bilateral do cartão  C. IV – dá primeiro uma resposta em D na posição invertida do cartão e só depois acede ao todo, resposta G, também na posição invertida do cartão  C. VI – resposta em D num cartão compacto  C. VII – exclusão de partes da mancha que se impõem perceptivamente – 1º e 2º terços	Comprometimento da prova de realidade
Tendência à contaminação – Objectos absurdos, bizarros, inexistentes	C. V – coelhinho com asas e patas de cavalo C. VII – porquinho com tromba de elefante	Predomínio da fantasia
Conteúdos (H)	C. III – “E.T.”; “fantasma” C. IV – prova de escolhas – “diabo”	
Perserveração ao longo de vários cartões	C. I, II, IV e V – “bicho”/“bichinho” C. IX e X – “templo” C. II resp. ad. C. X – “torre”	Deserto psicótico – não há sequer fantasia Deserto psicótico – não há sequer fantasia
Tempo de latência elevado	Em todos os cartões excepto no I	
Excessiva manipulação dos cartões		
Recusa	C. IX	

cont.



Espaço Mental Bidimensional – Universo do Ponto

<i>Procedimentos</i>	<i>Respostas/Cartões</i>	<i>Características associadas ao Espaço Mental</i>
Resposta D dada após uma resposta G, que reflecte o desvanecer da imagem dada inicialmente	C. III – “duas imagens de pessoas... um E.T... um crânio... um esqueleto, tipo fantasma” (“pessoas”? “fantasma”) C. V – “um bicho” em G e depois “patas de cavalo” em D	Relação de objecto primária negativa, traumatizante  Inconsistência e incoerência da representação do objecto
Respostas com integração do branco	C. I – “radiografia” (D bl) (G bl ou D bl) – relações de ausência  C. II – “torre” (D bl) C. X – “jardim” (Gbl)	Objecto interno concebido fundamentalmente como ameaçador – objecto interno parcial
Respostas F +-, em que há uma invasão do externo pelo interno e do interno pelo externo, pela ausência de limites bem definidos	C. II, IV e V – “bicho”/“bichinho”	
Conteúdos Ad	C. V – “patas de cavalo” C. VII – “cabeça de elefante”	
Cartão IX – imagens regressivas – temas alimentares ou de água	C. IX – resposta adicional C. IX – resp. ad. – “bichos pendurados”  C. X – resp. ad. – “dois touros encostados de cabeça”	Fixação a um estado fusional Permanência do objecto transitivo como objecto de análise  Extrema dependência do sujeito em relação ao outro, ao exterior
Pedidos de ajuda ao psicólogo	C. I – “sabe quando a gente tira uma radiografia?” “não sei como é que dizem aqui”  C. II – “é assim a posição?” C. VI – “sabe aqueles tapetes africanos?” “podia ser um templo lá no fundinho, desses templos meio, tipo buda, sabe?... com esses bichos pendurados, como vocês chamam aqui...?” C. X – “mas é a imagem que eu olho, que me parece?”	Permanência do objecto transitivo como objecto de análise Extrema dependência do sujeito em relação ao outro, ao exterior
Comentários centrados na vivência subjectiva (referências pessoais)	C. I – “tenho uma imaginação fértil...” “eu tirei uma (radiografia) há pouco tempo aqui ao coccis” C. II – “sempre gostei de desenho abstracto, sempre tive boas notas” “pode ser uma torre... em Itália tinha muitas coisas dessas”	
Precauções verbais /hesitações	C. I – “pode parecer um bichinho, só não sei o nome dele...”; “se ficasse mais tempo...”	Permanência do objecto transitivo como objecto de análise
Comentários que expressam resistência à prova (a fornecer uma imagem)	inq. – “se fossem asas...”; “podia ser imensas coisas, mas não tenho paciência...”; “não sei os nomes, sabia até ter esquecido” C. II – “pode ser uma torre...”; “...parece um bichinho,... não sei mais” C. III – “duas imagens, pode ser duas imagens... de pessoas”; “... parece tipo um E. T”; “... não quero forçar demais a minha mente” C. IV – “sei lá, pode ser um bicho”; “pode ser uma folha...”; “tinha visto outra coisa e passou, é uma coisa que eu tenho, vem e passa logo” C. V – “pode ter outras coisas, tem imensas, isso depende do imaginário de cada um” C. VII – “parece meio cabeça de elefante...”	Extrema dependência do sujeito em relação ao outro, ao exterior

cont.

<i>Procedimentos</i>	<i>Respostas/Cartões</i>	<i>Características associadas ao Espaço Mental</i>
G vagos – G associados a formas imprecisas	C. IX – “minha cabeça já está ficando cansada... podia olhar muita coisa mas não consigo” C. I – “um bichinho com asas meio desfeitas”	Coexistência da realidade e da fantasia
Envelopes desfiados	C. I – “bichinho pretinho, gordinho”	
G impressionistas	C. IV – “folha toda descamada, seca,... desfeita” C. X – “parece um jardim, digo pelas cores...”	Confusão entre estes pares de opostos e complementares
Oscilação entre duas ou mais imagens na mesma localização	C. III – “pessoas”, “crânio”, “esqueleto”, “fantasma” C. VII – “cabeça de elefante”, “porquinho” C. VIII – “leopardo”, “leão”	
Omissão de D ou Dd que são frequentemente vistos	Não há nenhuma resposta Dd	Rompimento da pele psíquica frágil, sem espessura – espaço mental com buracos psíquicos Pensamento branco
Conteúdos sem profundidade, sem espessura, lisos, desvitalizados, petrificados	C. I – “um bichinho com asas meio desfeitas” C. II – “esta <i>pintura</i> parece um bichinho...” C. III – “duas <i>imagens</i> de pessoas... um E. T. ... um <i>crânio</i> , um <i>esqueleto</i> , tipo <i>fantasma</i> ” C. IV – “folha toda descamada, seca... desfeita” C. VI – “tapete africano” C. VIII – “dois <i>bonequinhos</i> ... um leopardo, um leão...” Inq. – “parece até um <i>animal parado</i> ” Resp. ad. – “rochas”	Ausência de tridimensionalidade/noção de perspectiva

## REFERÊNCIAS

- Bergeret, J. (1974/2000). *A personalidade normal e patológica* (3ªed. rev.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Chabert, C. (1997/2003). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Chabert, C. (1998/2000). *A psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Dias, C. A. (2004). *Costurando as linhas da psicopatologia borderland (estados-limite)*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Green, A. (1975/1990). *La Folie privée: Psychanalyse des cas-limites*. Paris: Gallimard.
- Green, A. (1983). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Paris: Minuit.
- Grotstein, J. S. (1978). Inner space: Its dimensions and its coordinates. *Int. J. Psycho-Anal*, 59, 55- 61.
- Kernberg, O. (1975/1979). *Les troubles limites de la personnalité*. Toulouse: Privat.
- Matos, A. C. (2002). *O desespero: Aquém da depressão*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Ogden, T. H. (1985). On potencial space. *Int. J. Psycho-Anal.*, 66, 129-141.
- Ogden, T. H. (1992). The dialectically constituted /decentred subject of psychoanalysis. II. The contributions of Klein and Winnicott. *Int. J. Psycho-Anal.*, 73, 613-626.
- Wallbridge, D., & Davis, M. (1990). *Boundary and Space: An introduction to the work of D. W. Winnicott*. London: Karnac Books.
- Winnicott, D. W. (1971/1975). *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.
- Winnicott, D. W. (1990). *The maturational processes and the facilitating environment*. London: Karnac Books.
- Winnicott, D. W. (1988). *Babies and their mothers*. London: Free Association Books.

## RESUMO

Neste artigo, mostramos a possibilidade de ler, através do Rorschach, o conceito de espaço mental/potencial.

A partir dos trabalhos de Winnicott (1971/1975, 1988, 1990), Grotstein (1978) e Ogden (1985; 1992) sobre o desenvolvimento e características do espaço mental constituímos três tipos de espaço mental que se podem formar num sujeito: espaço mental unidimensional ou universo do ponto, espaço mental bidimensional ou universo da linha e espaço mental tridimensional, universo do plano ou espaço potencial.

Estudamos este conceito na estrutura de personalidade limite.

Apresentamos uma grelha de procedimentos Rorschach que criámos para ler o conceito de espaço mental e aplicamo-la na análise de um protocolo de uma paciente limite.

A análise do protocolo de Rorschach evidencia a existência de um espaço mental bidimensional (linha), com a presença de elementos mais característicos de um espaço mental unidimensional (ponto).

*Palavras chave:* Espaço mental, Espaço potencial, Estrutura de personalidade limite, Rorschach.

## ABSTRACT

In this article, we show the possibility to read, through the Rorschach, the concept of mental space/potential space.

Based on works of Winnicott (1971/1975, 1988, 1990), Grotstein (1978), and Ogden (1985; 1992) about development and characteristics of the mental space we constitute three types of mental space that it can form in a subject: one-dimensional mental space or universe of the point, two-dimensional mental space or universe of the line and three-dimensional mental space, universe of the plane or potential space.

We study this concept in the borderline structure.

We present a list of Rorschach's procedures that we created to read the concept of mental space and we employ it in the analysis of a protocol of a borderline patient.

The analysis of the Rorschach's protocol show the existence of a two-dimensional mental space (line), with a presence of characteristic elements of a one-dimensional space (point).

*Key words:* Borderline structure, Mental space, Potential space, Rorschach.

